

DF - invasão

✱✱

Uma noite sem qualquer ajuda

Nem Igreja, nem Governo, nem partidos. Só alguns soldados do Corpo de Bombeiros prestaram ajuda às 22 famílias que, mesmo depois de serem despejadas na manhã de quarta-feira por funcionários da Terracap e soldados da Polícia Militar, permaneceram na Vila Paranoá, enfrentando uma noite de chuva, frio e fome, para proteger o que restou da derrubada dos barracos.

Das famílias despejadas, 38 concordaram em sair da vila. Em caminhões, a Fundação de Serviços Sociais trabalhou até de madrugada para transferir essas famílias à Brasilinha, no mesmo local onde, em agosto, favelados da invasão da 110 Norte foram assentados. Lá, as famílias, totalizando cerca de 200 pessoas, foram abrigadas num galpão de 600 metros quadrados da Fundação Maria do Barro.

Mas quem ficou na Vila Paranoá teve uma noite muito difícil. Assim que a chuva começou a cair, os favelados trataram de construir abrigos, improvisando cinco barracos com plástico, madeira e arame farpado que estavam espalhados pelo chão. Os soldados que permaneceram no local para impedir que os barracos fossem reconstruídos, permitiram os abrigos de plásticos, mas não deixaram que os favelados usassem prego e martelos — só cordas.

Foram em cinco abrigos que as quase 100 pessoas das 22 famílias passaram a noite, enfrentando o frio e a chuva. A noite só não foi pior porque o posto do Corpo de Bombeiros na vila decidiu servir refeições aos posseiros. Foi, praticamente, a única refeição do dia, já que, com o despejo e com as chuvas, muitos perderam fogões e panelas, além de camas e outros objetos domésticos.

Permanência

Os desabrigados acordaram com a PM rondando o local. Sete

soldados da Polícia Montada, duas viaturas da Rádio Patrulha e mais o destacamento da Vila Paranoá, composto por um sargento e 10 cabos e soldados, cercaram a área. A ordem era não permitir que nenhum barraco fosse erguido e de manter vigilância constante no local até a noite de ontem.

A Terracap também foi fiscalizar a área. O fiscal Aldaque Gomes se preocupou em cadastrar os moradores que querem permanecer na área. Ao mesmo tempo, caminhões da Novacap e da Fundação de Serviços Sociais ficaram estacionados, aguardando uma possível remoção dos invasores que ficaram na vila, o que não correu até o meio-dia de ontem.

Famílias

«A gente não está aqui por aventura, mas porque não temos como pagar aluguel». Esta foi a explicação de Francisca Chagas Oliveira, 21 anos, que integra o núcleo de resistência da invasão. Ela passou a noite com o marido e o filho, no barraco destruído. Francisca explicou que seu marido é jardineiro, recebendo salário mínimo (Cz\$ 2.640), insuficiente para sustentar a família, uma vez que só de aluguel, por um barraco de um cômodo no Paranoá, eles pagavam Cz\$ 900,00.

Com a justificativa de que seus três filhos estudam na escola da Vila, Maria Ferreira Holanda não aceita qualquer uma das propostas da Terracap e da FSS, como ir para Brasilinha ou para um albergue em Sobradinho, ou no Núcleo Bandeirante. Maria já está há cinco meses no local. Segundo ela, os albergues só aceitam as famílias por pouco tempo e ela quer uma situação definitiva. Maria foi uma das moradoras a reerguer seu barraco no local onde a Terracap derrubou, na quarta-feira, 80 barracos da nova invasão da Vila Paranoá.